



## Compensação e deficiência no pensamento de Alfred Adler (1870-1937)

### Compensation and disability in Alfred Adler's (1870-1937) thought

**Daniela Leal**

Faculdade Paulista de Arte

**Mitsuko Aparecida Makino Antunes**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Brasil

#### Resumo

Por volta do ano de 1907, Alfred Adler descreveu pela primeira vez o conceito de compensação ao expor sua teoria sobre o sentimento de inferioridade. Para ele, o estudo sobre a compensação psíquica foi o ponto de partida para novas questões sobre as relações entre indivíduo, família, sociedade, corpo e alma no âmbito da psicologia individual. No que se refere especificamente à deficiência, pode-se dizer que sua teoria permitiu criar novos caminhos para que fossem superadas as concepções pautadas na perspectiva da insuficiência, para se pensar em uma relação desenvolvimento-aprendizagem mais efetiva. Para tanto, objetiva-se, neste artigo, baseado em pesquisa de cunho histórico, de natureza documental, tendo como principal fonte de dados os escritos de Adler, apoiados por alguns de seus comentadores, apresentar um estudo sobre a teoria adleriana, o conceito de compensação e sua importância para a psicologia da educação, particularmente no que diz respeito à compreensão da deficiência e à intervenção pedagógica.

**Palavras-chave:** compensação; deficiência; história da psicologia

#### Abstract

Around 1907, Alfred Adler first described the concept of compensation to expose his theory of the feeling of inferiority. For him, the study, regarding psychic compensation, was the starting point for new questions about individual, family, society, body and soul within the individual psychology. As regards deficiency, it can be said that Adler's theory allows to create new ways to overcome the conceptions based in the insufficiency and to think of a more effective development and learning relationship. Therefore, the article presents, in a historical and documentary nature of research, with the main source of data being the writings of Adler and supported by some of his commentators, a study of the Adlerian theory, the concept of compensation and its importance to the psychology of education, particularly regarding the understanding of disability and pedagogical intervention.

**Keywords:** compensation; disabilities; history of psychology

O interesse específico pelo processo de compensação relacionado às pessoas com deficiência encontra-se relacionado às pesquisas realizadas pelas autoras na área de psicologia da educação, principalmente as que tangem às pesquisas voltadas à educação inclusiva.



Há muito escuta-se ou lê-se sobre como as pessoas, por exemplo, com deficiências sensoriais e/ou motoras compensam a ausência do sentido ou órgão debilitado ou perdido, utilizando-se de outros. Entretanto, observa-se uma ausência de estudos sistemáticos que discutam efetivamente como se dá esse processo, sobretudo no que diz respeito à aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa acometida por uma deficiência, com foco na identificação de processos que valorizem as capacidades dessas, em vez de priorizar suas limitações, suas incapacidades.

Ao buscar por referências teóricas que permitissem clarificar a compreensão do fenômeno da compensação, não como um processo automático ou natural da pessoa acometida por uma deficiência, mas como um processo que se dá nas relações estabelecidas entre a pessoa, o meio no qual vive e as pessoas que com ela se relacionam, a teoria adleriana apresentou-se com um potencial campo de estudo para a compreensão desse processo, bem como da análise de instrumentos para o trabalho diário com as pessoas com deficiência.

Para tanto, objetiva-se, neste artigo, apresentar alguns dos dados obtidos em uma pesquisa historiográfica sobre a teoria adleriana (breve biografia e conceitos centrais da teoria), principalmente no que se refere aos conceitos de compensação e sentimento de inferioridade e a importância destes para a psicologia da educação.

Para expor a teoria adleriana, iniciar-se-á com uma breve biografia de Adler; posteriormente serão apresentados os conceitos-chave de sua teoria (condição humana, sentimento social, desenvolvimento da personalidade e poder criativo – ambos evidenciados pelo próprio Adler ao longo de sua produção bibliográfica e por seus comentadores), como condição para se compreender os conceitos aqui em foco, o processo de desenvolvimento de sua obra e, por fim, algumas considerações sobre sua importância para o trabalho com as pessoas com deficiência, pois apesar dos conceitos de compensação e sentimento de inferioridade, cunhados por Alfred Adler, serem datados do início do século XX, mais aproximadamente entre os anos de 1907-1912, acredita-se serem estes, ainda hoje, fundamentais para a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das pessoas com deficiência.

### **Vida e obra: algumas considerações**

Adler nasceu em Viena, Áustria, em 1870. Era debilitado fisicamente por um acentuado raquitismo infantil. Aos cinco anos de idade, uma grave pneumonia, que segundo o médico poderia não ter recuperação, teria levado Adler a escolher sua profissão: tornar-se um médico capaz de lutar contra doenças mortais. Apesar dos inúmeros acontecimentos em sua infância e adolescência, Adler não mudou de ideia e, em 1895, conquistou o diploma de médico pela Universidade de Viena (Alfred Adler Institutes, s. d.).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Todas as traduções realizadas são de total responsabilidade das autoras.



Segundo sua biografia disponibilizada pelo *Alfred Adler Institutes of San Francisco & Northwestern Washington*, nos momentos desafiantes, Adler lembrava-se de dois fatos marcantes em sua vida: o pai, que não acreditava que Adler conseguiria alcançar os planos almejados, e um professor que sugeriu que seu pai o tirasse da escola para ser aprendiz de sapateiro, porque havia perdido o interesse pela escola e tinha dificuldades em matemática. Desafiado, Adler mostrou ao professor do que era capaz: “em um curto espaço de tempo, tornou-se o primeiro da classe em matemática e nunca mais experimentou qualquer dificuldade em seus estudos” (Alfred Adler Institutes, s.d., s.p.).

Em 1898, aos 28 anos, Adler escreveu seu primeiro livro, *Gesundheitsbuch für das Schneidergewerbe* (Manual de higiene para a corporação de alfaiates), retratando as condições de saúde dos alfaiates e expondo o que mais tarde se tornaria um dos principais fundamentos da sua escola de pensamento: “a necessidade de olhar para o homem como um todo, como uma entidade funcional, reagindo ao seu ambiente, bem como a sua dotação física, em vez de uma somatória de instintos, impulsos e outras manifestações psicológicas” (Alfred Adler Institutes, s.d., s.p.).

Em 1902, em um cartão postal escrito à mão, Adler recebe de Freud a sugestão de se unir à Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras<sup>2</sup>, para contribuir com as discussões sobre a nova área que estava sendo construída, a psicanálise. Cinco anos após unir-se ao círculo de discussões na casa de Freud, lembrando que quando entrou já havia iniciado o estudo sobre pacientes com deficiência física, analisando tanto suas reações orgânicas quanto psicológicas, Adler publica seu livro *Studie über Minderwertigkeit von Organen* (A compensação psíquica do estado de inferioridade dos órgãos). O substrato de suas ideias encontra-se nessa publicação, principalmente porque, de acordo com Friedrich (2009), sabe-se que “o conceito de inferioridade e a menor resistência de determinado órgão já pertencia à história médica, mas Adler a transpôs para a psicologia e a gênese da neurose” (s.p.).

A partir de então, a diferença entre os pontos de vista de Freud e de Adler tornou-se cada vez mais acentuada e, apesar de ter apresentado contribuições à psicanálise e sua história, Adler “notabilizou-se muito mais por sua obra original nas áreas de psicoterapia e pedagogia do que na psicanálise propriamente dita” (Friedrich, 2009, s.p.). Após inúmeras e prolongadas discussões, nas quais Freud o criticava pelo conjunto das suas posições e ambos defendiam seus pontos de vista, em 1911, Adler deixa a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, com oito de seus colegas, para nunca mais encontrar-se com Freud.

Em sua publicação de 1912, *Über den nervösen Charakter: Grundzüge einer vergleichenden Individual-Psychologie und Psychotherapie* (O caráter neurótico: uma comparação entre a psicologia individual e a psicoterapia), Adler desenvolveu mais seus principais conceitos, expondo a essência de sua doutrina. Nas palavras de Furtmüller (1968), se anteriormente via-

---

<sup>2</sup> “Primeiro círculo da história psicanalítica e precursor da *Wiener Psychoanalytische Vereinigung*, que serviu de modelo para todas as sociedades posteriormente reunidas a partir de março de 1910 na *International Psychoanalytical Association* (IPA)”. (Friedrich, 2009, s.p., grifos nossos)



se Adler abordando problemas em busca de seu caminho, a partir desta obra, vê-se “o homem que encontrou esse caminho e pode, agora, unificar suas respostas a problemas específicos em um sistema bem organizado. Todo seu pensamento e investigação dos anos anteriores estão integrados nesse livro” (p. 314).

Em 1913 criou, com ex-membros da Sociedade Freudiana, a *Psicologia Individual* e a Sociedade Livre de Pesquisa Psicanalítica, por ele fundada, passou a chamar-se Sociedade de Psicologia Individual, provocando a primeira cisão importante no movimento psicanalítico.

Deve-se dizer que o termo Psicologia Individual desde o início causou polêmica em relação a seu significado. À sua época e ainda nos atuais dias tende-se a entender Psicologia Individual como uma psicologia individualista, que se limita a focar o sujeito em suas particularidades. Mas, pelo contrário, ao escolher o termo Psicologia Individual, Adler pautou-se no pressuposto de que, por ser o indivíduo (do latim *in-dividuus*; IN = não e DIVIDUUS = divisível) uma unidade indivisível, é impossível estudá-lo isolado de sua totalidade e de sua unicidade, sem levar em consideração a realidade social a que pertence e sua influência na construção de sua personalidade.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Adler intensificou seu interesse pelas questões de ordem social, defendendo o incremento das relações de cooperação entre as pessoas para o progresso pessoal e para a concretização dos valores humanos. Como uma de suas contribuições nessa direção fundou, juntamente com o grupo *Erziehungsberatungsstelle* (professores e demais profissionais que dedicavam-se ao estudo e a aplicação da Psicologia Individual), várias clínicas de orientação infantil em Viena, pois acreditava que as transformações após a destruição causada pela Grande Guerra e a consolidação da Primeira República Austríaca, dar-se-iam inicialmente pelo caminho da educação. Segundo Furtmüller (1968), “desde o princípio a Psicologia Individual mostrava interesse pelos problemas educacionais” (p. 329). Vê-se, pois, que o desenvolvimento de suas ideias psicológicas estava articulado à importância que ele dava à educação, sobretudo como um dos instrumentos para reconstrução social.

As clínicas de orientação infantil tinham, portanto, o objetivo de cooperar voluntariamente com escolas que necessitavam de atendimento. As crianças com problemas educacionais poderiam ser levadas à clínica quando professores sugeriam e os pais aceitavam. Um caso somente era aceito quando a criança era acompanhada por um dos pais, assim como pelo professor” (Furtmüller, 1968, p. 332). O próprio Adler trabalhou em uma dessas clínicas. Por estar sempre disposto a oferecer uma orientação e não um método estereotipado, Adler afirmava que a equipe de cada clínica deveria desenvolver seus próprios métodos, com base nos princípios comuns da Psicologia Individual.

As clínicas ganharam rapidamente a confiança dos professores e dos pais, assim como a visita de vários profissionais estrangeiros; o maior problema é que elas não conseguiam atender à demanda das escolas. Em 1934, o trabalho das Clínicas de Orientação Infantil



chegou ao fim, quando os austrofascistas derrubaram a República Austríaca, aniquilando a reforma escolar e todas as atividades relacionadas a ela (Furtmüller, 1968, p. 333).

Entretanto, apesar do aniquilamento realizado, as teorias e técnicas de Adler deram a base para outras psicoterapias atuais, empregadas especialmente nos EUA, assim como muitos são os autores que “afirmam ter obtido na obra de Adler substrato para o desenvolvimento de suas próprias contribuições” (Friedrich, 2009, s.p.). Na pedagogia, “suas teorias e práticas tornaram-se bastante difundidas, tanto na psicologia quanto no aconselhamento escolar, [ao considerar] a orientação de crianças como preventiva contra um futuro adoecimento psíquico” (Friedrich, 2009, s.p.). Influenciou também as Ciências Sociais nos movimentos de saúde mental comunitária, na vida familiar e na situação psicossocial da mulher.

Em 1935, Adler emigrou definitivamente para os EUA; nesse país foi convidado a ocupar a primeira cadeira de *Visiting Professor of Medical Psychology* no *Long Island College of Medicine* na *Columbia University*.

Adler faleceu em 1937, na Escócia, durante viagem para uma série de conferências europeias.

Como se pode observar, muitas das formulações teóricas de Alfred Adler estão relacionadas às escolhas feitas desde a infância, principalmente as marcadas por suas condições de saúde; pode-se dizer que sua teoria sobre a inferioridade e mais especificamente o conceito de compensação foram pautados não somente em seus estudos, mas também nas condições que o levaram a negar e a superar as expectativas negativas das pessoas a sua volta, bem como suas debilidades físicas, que poderiam tê-lo impedido de conquistar seus objetivos. Ou, como afirma Bischof (1964<sup>3</sup>, citado por Ansbacher & Ansbacher, 1968): “Adler em sua própria vida cria firmemente nas causas sociais e nos princípios democráticos, revelando-se como (...) um teórico que parece ter vivido muito mais perto de sua teoria de que outros o fizeram” (p. 11).

### Princípios básicos da teoria adleriana

Pode-se definir o pensamento de Adler como uma escola cujos princípios pautam-se em uma psicologia que considera a personalidade como única, indivisível, uma unidade. Ou, como descrito por Vries (1951), uma psicologia que afirma que só se faz possível entender as partes através do todo”. Ou ainda, como o próprio Adler (1935/1968b) define, uma psicologia que “vai mais além da visão de filósofos como Kant e de psicólogos e psiquiatras recentes que aceitaram a ideia da *totalidade* do ser humano” (p. 68, grifos do autor). Para ele, faz-se necessário verificar a *unidade* de cada indivíduo, em suas dimensões consciente e inconsciente, na unidade fundamental de sua personalidade, oferecendo um propósito para

<sup>3</sup> Bischof, L. J. (1964). *Interpreting personality theories*. New York: Harper and Row.



todas as suas ações em sua comunidade social. Caberá, portanto, ao psicólogo individual trabalhar a relação entre o indivíduo e seu meio, com o intuito de “observar como o indivíduo particular relaciona-se com o mundo exterior” (Adler, 1935/1968b, p. 66) – um mundo que inclui suas funções corporais e mentais.

Essa visão, segundo Stein e Edwards (1998), poderia ser considerada “humanista, vigorosamente otimista em relação à vida” (n.p.). Para os autores, Adler oferecia uma psicologia que orientava os seres humanos a serem capazes de cooperar, pela convivência, com os demais, esforçando-se para o auto-aperfeiçoamento, a auto-realização e a contribuição para o bem-estar comum (Stein & Edwards, 1998). Nas palavras de Adler (1937/1968c), esse humanismo de explicita:

Nosso critério para apreciar uma variante específica, seja um determinado indivíduo ou grupo, a direção é sempre a evolução ascendente e o bem estar da humanidade. Em outras palavras, é o grau e o tipo de *interesse social* necessário para se chegar a esse objetivo de bem-estar geral e desenvolvimento ascendente [conquista de valores humanos] (p. 32).

Outro conceito fundamental para compreender a psicologia de Adler é sua concepção de condição humana, oriunda do conceito alemão de *Gemeinschaftsgefühl*, de difícil tradução, mas que pode ser interpretado pelas expressões *interesse social*, *sentimento social*, *sentimento de comunidade* e *sentido social*. É um conceito multifacetado, indicativo de que “indivíduos podem entender e colocar em prática alguns aspectos e negligenciar o desenvolvimento de outros” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). Ainda sobre o sentimento de comunidade, Stein e Edwards (1998) acrescentam que se as pessoas “têm interesse social pelo plano afetivo desenvolvido, elas estão sujeitas a se sentirem parte da raça humana e, como resultado, conseguem simpatizar com seus semelhantes humanos” (s.p.).

A ideia de sentimento social proposta por Adler diferencia-se de outros autores da época, principalmente porque acredita que este seja muito mais que um sentimento. Para Adler (1928/1968d) o sentimento social

é uma forma de vida (*Lebensform*). É uma forma de vida completamente diferente da que encontramos em pessoas que chamamos de antissociais. Isso não deve ser entendido como uma forma de vida superficial, como se não fosse nada mais que a expressão de um modo de vida adquirido mecanicamente. É muito mais. Não estou em condição de defini-lo de forma inequívoca, mas encontrei em um autor inglês uma frase que expressa claramente algo que poderia contribuir com nossa explicação: “Ver com os olhos de outro, ouvir com os ouvidos de outro, sentir com o coração de outro”. Por agora, me parece uma definição admissível do que chamamos de sentimento social (pp. 46-47).

No que se refere ao plano cognitivo, as pessoas passam a “assumir a necessária interdependência com os outros, reconhecendo que o bem-estar de qualquer indivíduo



depende basicamente do bem-estar de todos” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). No plano comportamental, pensamentos e sentimentos serão “traduzidos em ações focadas no desenvolvimento pessoal, assim como em movimentos cooperativos e úteis dirigidos a outros” (s.p.).

Pode-se dizer, portanto, que o sentimento social, em sua essência, refere-se a pessoas em pleno desenvolvimento de suas capacidades, em um processo que é pessoalmente gratificante e que resulta em pessoas que valorizam o contribuir com o outro, denotando, assim, o reconhecimento e a aceitação da interconexão de todas as pessoas.

Segundo Adler, o sentimento de interconexão é essencial não somente para a convivência em sociedade, mas para o desenvolvimento de cada pessoa, pois acredita que, primeiro, a psicologia individual é mais uma psicologia social do que uma psicologia do indivíduo e, segundo, que para compreender uma pessoa não se pode vê-la em partes isoladas uma das outras, mas olhá-la por inteiro; afinal, “a pessoa é um sistema em que o todo é maior e diferente que a soma das partes” (Stein & Edwards, 1998, s.p.), o que permite ver a unidade da pessoa.

No que se refere especificamente ao desenvolvimento da personalidade – conceito chave para a compreensão do sentimento de inferioridade e do processo de compensação –, verifica-se que este é visto como um processo ativo e criativo, no qual as pessoas atribuem significado às experiências de vida que enfrentam e, dessa forma, “não são vítimas passivas da hereditariedade ou do ambiente, mas sim construtores e intérpretes ativos de sua situação (realidade)” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). A este respeito, Adler (1935/1968b) afirma que,

O indivíduo não se relaciona com o mundo externo de uma maneira predeterminada, como se supõe frequentemente, mas sempre segundo sua própria interpretação de si mesmo e de seu problema atual. Seus limites não são somente os limites humanos comuns, mas também os limites que ele mesmo se coloca. Não é a herança nem o meio ambiente que determinam sua relação com o mundo externo; a herança somente o dota de certas capacidades, o meio ambiente somente dá-lhe certas impressões. Estas capacidades e impressões e a maneira como ele as “experimenta” – a saber, a interpretação que ele faz dessas experiências – são o material com que forja sua atitude perante a vida segundo sua própria maneira “criadora”. É seu modo individual de fazê-lo – ou, em outras palavras, é sua atitude perante a vida – o que determina sua relação com o mundo externo (pp. 66-67).

Cada indivíduo, portanto, produz significados e age singularmente. Consequentemente, cada um deve ser estudado à luz de seu próprio desenvolvimento (Adler, 1935/1968b).

Assim como outros estudiosos de sua época, Adler viu os primeiros cinco anos de vida como centrais para o desenvolvimento da personalidade, pois é nesse período que as crianças possuem “experiências suficientes para adotarem um protótipo de seu objetivo e estilo de vida, embora possa haver alguma modificação em todo o período da infância e



adolescência” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). É nos cinco primeiros anos de vida, a partir do momento que as crianças passam a ter consciência das insuficiências sentidas em face das tarefas normais do cotidiano, especialmente quando comparadas às crianças mais velhas ou aos adultos, que se inicia o desenvolvimento da personalidade. Consequentemente, “como resultado, elas experimentam o que Adler denominou de sentimento de inferioridade – em alemão *ohnmachtsgefühl*, sentimento de impotência, ou *keitsgefühl*, sentimento de menos valia –, que são as reações normais da consciência quando não somos capazes de agir da forma como desejamos” (Stein & Edwards, 1998, s.p.).

Entretanto, por intermédio do poder criativo, “que se expressa no desejo de se desenvolver, de lutar, de atingir e, até mesmo, de compensar as derrotas” (Stein & Edwards, 1998, s.p.), as crianças, os adultos, esforçam-se para obter sucesso. Para Adler, o objetivo final, segundo Stein e Edwards (1998), é “a criação ficcional do indivíduo – uma situação ideal imaginada de perfeição, completude e superação” (s. p.), que movimentará a criança ou o adulto, isto é, uma motivação, um esforço para superar os sentimentos de inferioridade. Crianças e adultos, portanto, serão capazes de usar seus sentimentos de inferioridade como encorajamento para seu desenvolvimento contínuo.

### **Dos sentimentos de inferioridade à compensação**

O conceito de compensação foi descrito pela primeira vez por Alfred Adler, aproximadamente por volta de 1907, quando expôs sua teoria sobre os sentimentos de inferioridade. O estudo sobre a compensação psíquica foi o ponto de partida para um novo conceito, elaborado a partir de um determinado entendimento sobre as relações entre indivíduo, família, sociedade, corpo e alma pela Psicologia Individual.

A formulação de Adler (1917/1956) parte do pressuposto de que a criança, desde o nascimento, devido à sua fragilidade, necessita da ajuda de outro ser, o que pressupõe relações sociais: “tudo o que uma criança traz ao mundo, com suas possibilidades congênitas é colocado em um campo social, que a criança tem que considerar como o mais importante, pois sua debilidade, sua inferioridade tende nessa direção” (Adler, 1930/1959, p. 23), estabelecendo-se, assim, como lei fundamental, “que as crianças que vieram ao mundo com inferioridades orgânicas, empenham-se desde cedo em uma renhida luta pela existência” (Adler, 1927/1967, p. 72).

A esse respeito, ainda, Adler (1930/1948) afirma que, apesar de todos os avanços extraordinários da medicina de sua época, muitos profissionais e/ou estudiosos da área esquecem-se que muitas crianças já chegam ao mundo dotadas de condições desfavoráveis, que exigem adaptação à vida. Essas condições, denominadas de situações desfavoráveis ou inferioridades por Adler, quase sempre originam-se de alterações orgânicas adquiridas ou herdadas. Nas palavras do autor, após o nascimento, algumas dessas crianças “desaparecem” cedo ou tarde; no entanto, a maioria sobrevive e, com isso, “um grande



número desses sobreviventes sofre durante toda a sua vida debilidades orgânicas; outros (...) conseguem certo equilíbrio; outros, como consequência do que denominamos uma supercompensação, apresentam um excesso funcional” (Adler, 1930/1948, p. 60). Para que se consiga superar tais inferioridades e buscar o equilíbrio, Leal (2013), baseada em Adler, afirma que se faz

necessária uma luta entre o estado psicológico que engendra caracterizar-se pelo sentimento de inferioridade e o surgimento da necessidade de libertar-se do sentimento de insegurança gerado pela inferioridade. [Isto é], todas as funções psíquicas da criança perdem a serenidade e se colocam ao serviço do objetivo final: a compensação dos sentimentos de inferioridade (pp. 108-109).

Entretanto, como afirma Adler (1930/1948), não se pode esperar que valores ocasionados pelos sentimentos de inferioridade sempre gerem comportamentos inteiramente adaptáveis. Será “somente por meio de uma análise do ponto de vista psicológico que se conseguirá observar as diferenças quantitativas apresentadas pela compensação” (Leal, 2013, p. 109). Em alguns casos, a inferioridade pode permanecer por muito tempo inalterada e, em outros, contida apenas no órgão ou em parte dele.

Ao observar o desenvolvimento de uma criança “normal”, este é marcado pela harmonia entre as capacidades física e físico-funcional. No caso de uma criança com um órgão comprometido, isso é diferente. Se, por exemplo, há um retardamento específico no desenvolvimento dos órgãos, assim como nas vias nervosas relacionadas, as tentativas de cultura mal sucedidas podem gerar condições como “idiotismo” e “imbecilidade” (Adler, 1917/2012). Entretanto, não se deve encarar tal afirmação como verdade absoluta ou como resultado para todos que apresentem uma inferioridade orgânica, pois “há casos mais moderados em que o órgão inferior espontaneamente começa a ganhar vontade e, contrariando a interferência física, passa a introduzir um esforço duradouro para as atividades compensatórias” (Leal, 2013, p. 109). Nas palavras de Adler (1917/2012), se o indivíduo e/ou o próprio órgão inferior forem

incapazes de realizar a compensação, se deparara com uma destruição mais rápida ou mais lenta sob a pressão do mundo exterior; a natureza, por outro lado, pela criação de uma compensação, formará mecanismos de função e morfologia variáveis que se mostrarão, em muitos casos, funcionalmente capazes e até mesmo mais bem adaptados às condições externas, já que eles tiram sua força adicional de superação dos obstáculos externos (pp. 68-69).

Cabe lembrar que não existe uma única causa para as inferioridades. Entre as mais evidentes, encontram-se as deficiências dos órgãos sensoriais, as deficiências respiratórias, do aparelho digestivo, dos órgãos excretores, das glândulas endócrinas, do cérebro e da medula espinhal. Entretanto, há, ainda, as causas de inferioridades originadas pela condição de vida à qual se está submetido: situação econômica, alimentação inadequada, carência de



sentimentos, entre outros. O que há em comum em todas essas causas é que ambas, segundo Adler (1930/1948), tornam a solução de tarefas mais ou menos difícil, impondo-lhes, por exemplo, no caso da deficiência dos órgãos, um treinamento

que se traduz em uma potente hipertrofia das funções psíquicas, exigidas ao extremo. Com esforço redobrado, [por exemplo], ouvidos e olhos defeituosos buscarão assimilar-se e utilizar os matizes que ainda lhes são acessíveis, e em algumas ocasiões conseguir um uso artístico deles (p. 61).

Quando se refere à situação econômica ou à ausência de sentimentos, Adler (1930/1948) afirma que, diante de tais situações, pode ocorrer a contenção do desenvolvimento de sentimentos altruístas, bem como a sociabilidade e a confiança nos humanos. Ou seja, ao se deparar com as dificuldades que lhe são impostas orgânica ou socialmente, a criança mostrará sua força ou dificuldade para resolver tais situações, bem como lutar para vencer ou não.

O mérito da Psicologia Individual estaria, portanto, em mostrar que o sentimento de continuidade constitui um elemento afetivo fundamental, que se encontra em todas as manifestações psíquicas, além de ser o sentimento de inferioridade um elemento afetivo capital, que provoca a aspiração contínua ao poder e à autovalorização do sujeito. É pela Psicologia Individual que se conseguirá “discernir na conduta do homem nervoso o programa de vida viciado, o método de vida defeituoso de uma pessoa que, crendo ser incapaz de responder às obrigações normais da existência, toma outra direção” (Adler, 1930/1948, pp. 69-70). Em outras palavras,

a Psicologia Individual representa uma tentativa de moderar, de temperar os assaltos da natureza contra o homem. Esses assaltos são cruéis e a natureza é mais desapiadada que nós mesmos: ameaça o nervoso, o louco, o criminoso, de quase completa destruição. (...) Os conceitos fundamentais da Psicologia Individual são de tal índole que pode nos ajudar a compreender o destino original do homem, configurado pela ignorância e pelo erro. A concepção de mundo que preconiza, constitui o mais enérgico meio de segurança, pois não repousa sobre a fraqueza e sim na força (Adler, 1930/1948, pp. 73-74).

Em síntese, pode-se dizer que a inferioridade dos órgãos afeta a vida psíquica, diminuindo o indivíduo diante de si mesmo e aumentando seu sentimento de insegurança. São tais sentimentos que darão origem à luta para a afirmação de sua personalidade. Nas palavras de Adler (1912/1993),

À medida que a força de ação do órgão inferior compensado aumenta qualitativa e quantitativamente, a criança com predisposição neurótica, presa em seu sentimento de inferioridade, encontra em si mesma os meios, com frequência surpreendentes, para elevar o sentimento de seu próprio valer (p. 54).



Encontram-se aí os primeiros indícios de se desenvolver, sob o influxo do senso de inferioridade e do propósito dele originado, a compensação ou supercompensação pelo sistema nervoso central, como descrito pelo próprio Adler (1912/1993),

Eu já havia comprovado uma notável correlação entre a inferioridade dos órgãos e a supercompensação psíquica, fato que me permitiu formular a seguinte tese fundamental: *o sentimento de padecer uma inferioridade orgânica age sobre o indivíduo como um estímulo contínuo em seu desenvolvimento psíquico*. Desde o ponto de vista fisiológico, esse desenvolvimento implica um reforço, em quantidade e qualidade, dos trajetos nervosos, e se esses trajetos apresentam também uma inferioridade originária, suas particularidades tectônicas e funcionais acusam-se no quadro de conjunto (p. 53, grifos do autor).

A existência de um órgão com condições inferiores impõe às vias nervosas novos esforços para que ocorra a compensação. Se o órgão da visão, por exemplo, estiver originariamente comprometido, ocorrerá uma visão psíquica reforçada e a capacidade funcional do sistema nervoso central cumprirá o papel de agente compensatório, manifestando-se por reflexos, reações sensíveis e sensações intensificadas. Ou, ainda, como descreve Adler (1912/1993), “a superestrutura psíquica compensadora desenvolverá, especialmente, os fenômenos psíquicos de previsão e antecipação pelo pensamento, assim como seus elementos ativos: memória, intuição, introspecção, compreensão, atenção, hipersensibilidade” (pp. 59-60). Entretanto,

Quando o senso de inferioridade se avoluma ao ponto de [o indivíduo] recear jamais ser capaz de compensar sua fraqueza, surge o perigo de que, em sua luta pela compensação, [não se] satisfaça com uma simples realização do equilíbrio das forças; exigirá uma supercompensação, procurará o superequilíbrio das conchas da balança! (Adler, 1927/1967, p. 77).

Ou seja, “a luta pelo poder e dominação poderá tornar-se tão exagerada e intensa, que deverá ser considerada patológica. Quando isso sucede, as relações ordinárias da vida deixam de ser satisfatórias” (Adler, 1927/1967, p.77) e acabam, por vezes, caminhando para o orgulho, a vaidade e o desejo de a todos dominar – alto senso de importância individual; dispositivo este, segundo Stein e Edwards (1998), “em grande parte, inconsciente e que implica sofrimento real por parte das pessoas que os empregam” (s.p.).

Essa desvalorização de si mesmo, segundo Collette (1963), “acarreta um agravamento dos sentimentos de insegurança. Conseqüentemente, o indivíduo vai tentar superar esse estado, quer por meios normais, quer por meios excessivos” (p. 46), ou como descreve Artur Ramos (1939), com base nas ideias de Adler:

Uma criança com excessivos defeitos orgânicos não pode desenvolver-se como as outras. Desde cedo, no intuito de superar a sua inferioridade, cria



um plano falso de vida, no afan de conseguir uma situação em que triunphe de sua debilidade. É o mecanismo da supercompensação (p. 405).

Cabe lembrar que, para Adler, a superioridade e o exagero escondidos nos sentimentos de inferioridade e que levam à supercompensação, são estimulados por três categorias: as *deficiências físicas*, a *dinâmica familiar* e os *fatores sociais* (Stein & Edwards, 1998).

No caso das *deficiências físicas*, o autor destaca que as crianças que nascem com esse tipo de deficiência ou a adquirirem posteriormente, podem se sentir sobrecarregadas pelo cuidado e atenção excessiva às suas dificuldades, que geram “expectativas de que os outros devem facilitar suas vidas e mantê-las no centro das atenções e cuidado, nunca podendo testar suas próprias forças” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). Em contrapartida, há um outro número de crianças que, em vez de serem superprotegidas, são vistas com piedade ou desprezo, o que gera uma influência negativa em sua autoavaliação, levando-as, também, ao exagero nos sentimentos de inferioridade.

A *dinâmica familiar*, incluindo estilos parentais e posição na constelação familiar, é para Adler a segunda categoria que influencia o desenvolvimento dos sentimentos de inferioridade. Essa categoria é subdividida em duas: as famílias que mimam e as famílias que negligenciam ou maltratam a criança. Nas palavras de Stein e Edwards (1998),

Crianças que foram mimadas esperam ser o foco das atenções e ter os outros servindo-as em suas extravagâncias. Elas foram treinadas para receber ao invés de dar e não aprenderam a enfrentar e superar seus problemas por si sós. Como resultado, elas tornaram-se muito dependentes dos outros e sentem-se inseguras de si mesmas ou inaptas a enfrentar as tarefas da vida. Por conseguinte, elas demandam ajuda indevida e atenção exagerada de outras pessoas. Essas demandas podem ser expressas através de agressões (por exemplo, comandos) ou através de fraqueza (por exemplo, timidez), por meios positivos (por exemplo, charme) ou negativos (por exemplo, raiva) (s. p.).

Segundo os autores, as crianças ditas mimadas, com o passar do tempo e com seu crescimento, ao serem contrariadas ou mesmo ao não serem atendidas prontamente pelas pessoas a sua volta, “podem interpretar essa recusa como uma agressão contra elas mesmas, o que pode levá-las a vingar-se dessas outras pessoas” (Stein & Edwards, 1998, s. p.), por exemplo.

Com relação às crianças negligenciadas, rejeitadas ou maltratadas, por não terem experimentado sentimentos de amor e cooperação, “não sabem o que significa sentir uma conexão positiva com os outros e, conseqüentemente, muitas vezes se sentem isoladas e desconfiadas” (Stein & Edwards, 1998, s.p.) e, quando confrontadas com suas dificuldades, tendem a superestimá-las, assim como subestimar a si próprias: “Para compensar o que não receberam quando crianças, ora podem sentir-se no direito de consideração especial ou



compensação; ora podem querer que os outros as tratem bem, mas não se sentem, por sua vez, na obrigação de retribuir” (s.p.).

Em relação à posição da criança na constelação familiar, Adler destacou a influência que esta exerce sobre o sentimento de inferioridade da criança. Ao pensar que se possui uma posição desvantajosa na constelação familiar, a criança poderá tornar-se desanimada. Um exemplo de situação desvantajosa é a relação entre irmãos, principalmente quando o irmão mais velho é “destronado” pelos mais novos. Tal ação pode levar o irmão mais velho a sentir-se estimulado a recuperar seu poder. Entretanto, se tal ação lhe parecer muito difícil, essa criança pode desistir e retirar-se da competição, tendo como resultado não aprender a cooperar com os pares.

Adler destaca que “a posição objetiva da criança não é um fator influenciador; em vez disso, é a posição psicológica e o significado que esta criança dá para tal posição” (Stein & Edwards, 1998, s.p.).

Por conseguinte, duas crianças nascidas com alguns anos de distância, podem crescer de maneiras similares àquelas de filhos únicos. Por outro lado, se os pais ajudam suas crianças a lidarem com as demandas únicas de suas posições na constelação familiar e, se houver uma atmosfera para um lar mais cooperativa do que competitiva, as crianças tendem a não desenvolver as características associadas com cada uma das posições (Stein & Edwards, 1998, s.p.).

A terceira categoria, *fatores sociais*, também molda como as pessoas desenvolvem sua visão de si e do mundo: “Experiências anteriores, dentro e fora da família, em combinação com os atributos hereditários e processos fisiológicos, são usados criativamente por crianças para formar uma impressão delas mesmas e da vida” (Stein & Edwards, 1998, s.p.). Para Adler, a escola é uma influência dominante nas impressões que a criança elabora de si e da vida; por isso, passou boa parte de seu tempo atuando na formação de professores e no estabelecimento de clínicas de orientação infantil ligadas às escolas.

Outro fator social que pode exacerbar os sentimentos de inferioridade, de acordo com Adler, é a discriminação social com base na pobreza, etnia, sexo, religião ou nível de escolaridade. Assim como a constelação familiar, não são apenas os fatos objetivos ou influências que têm impacto sobre a criança, mas a interpretação que a criança dá a esses fatos e a essas influências. Na fala de Stein e Edwards (1998), por exemplo, “as crianças que são discriminadas por causa de deformidades físicas ou condição socioeconômica, podem encontrar dificuldade para manter sua autoestima positiva” (s. p.).

Apresentados esses três fatores, fica evidente que para Adler o foco principal do entendimento dos sentimentos de inferioridade não se encontra nos sintomas de uma deficiência física, por exemplo, no seu relacionamento com a família ou nos fatores sociais em si, mas na maneira como as pessoas elaboram subjetivamente esses sintomas.



Sintomas são, na verdade, a fumaça cobrindo o fogo dos sentimentos de inferioridade. Os sintomas criam um desvio e distanciam-se da ameaça das tarefas da vida... Ao focar-se muito nos sintomas, por si só, corremos o risco de negligenciar o que sustenta os sintomas – os sentimentos de inferioridade. A menos que a severidade desses sentimentos de inferioridade seja diminuída, a pessoa continuará a usar os sintomas como uma muleta para um membro machucado, não curado. E até que esse processo seja descoberto e resolvido, a pessoa pode simplesmente substituir um sintoma por outro (Stein & Edwards, 1998, s. p.).

Entende-se, pois, que os sentimentos de inferioridade servem de base para as sensações de desprazer e descontentamento que provocam um impulso interno para um objetivo final fictício. Ou, nas palavras de Adler (1912/1993), “corresponde à tendência do espírito humano a utilizar ficções e hipóteses úteis para capturar em quadros circunscritos e bem delimitados tudo o que o mundo tem de inapreensível, de caótico, de fluido” (pp. 76-77). São inúmeros os casos de pessoas que procuram introduzir um esquema abstrato e irreal na vida real e concreta (viver do “faz de conta”). Collette (1963) sintetiza esta discussão afirmando que

A compensação apresenta-se, pois, como um mecanismo de defesa importante e muito satisfatório nas adaptações do indivíduo. Frequentemente, é fonte de ação e defende os homens contra a tentação da retração do ego diante das situações difíceis de superar. Quando o mecanismo se manifesta excessivamente, porém (em muitos casos de supercompensação, entre outros), poderá fazer com que o indivíduo perca a visão objetiva da realidade exterior e de sua própria realidade. A submissão a normas formais exteriores, por compensação, faz o indivíduo perder toda a sua plasticidade e o senso de sua própria personalidade, dando-lhe uma fachada frágil que oculta mal seu verdadeiro ego (p. 198).

Dessa forma, faz-se necessário, segundo Adler (1917/1956), procurar a origem desse processo incômodo na plasticidade e na possibilidade de adaptação que caracterizam com frequência o órgão inferior, além de procurar “na vigilância interior e na concentração psíquica que se exerce sobre o órgão fraco, assim como em um maior desenvolvimento dos complexos nervosos e psíquicos que dele resultam (p. 50). Adler (1927/1967), entretanto, afirma que em muitos momentos,

Não podemos censurar uma pessoa que tem um defeito físico ou um desagradável traço de caráter por se mostrar irritada. Ela não tem culpa disso. Devemos admitir seu direito de levar a irritação aos últimos limites; ter a consciência de que merecemos nossa parte de censura por aquela circunstância. A censura nos cabe, também, pela nossa responsabilidade parcial por não havermos tomado precauções adequadas contra o atraso social que produziu aquele efeito. Se nos ativermos a este ponto de vista, poderemos eventualmente melhorar a situação (p. 79).



Diante do exposto, segundo Adler (1927/1967), devemos aproximar dessas pessoas não as vendo como um ente degenerado, mas como um ser humano nosso igual, proporcionando-lhe um ambiente em que encontre possibilidades de sentir-se igual; mostrando-nos, assim, o quanto necessitamos nos educar para conseguir um senso adequado de valores sociais, bem como nos pormos em harmonia com um verdadeiro senso social. Afinal,

Nada mais natural do que as pessoas que vieram ao mundo com inferioridades orgânicas se sentirem sobrecarregadas, nessa existência, desde os mais tenros anos, de um fardo adicional, do que resulta ficarem pessimistas em seu modo de encarar a vida. Em semelhante situação também se encontram as crianças cujos defeitos orgânicos não são notáveis, mas que, por qualquer motivo, tiveram o seu senso de inferioridade intensificado e exacerbado (Adler, 1927/1967, p. 79).

Esse é o caso, por exemplo, de crianças que apresentam determinadas dificuldades no processo de escolarização que as impedem de aprender no “ritmo” e no “tempo” das demais crianças de sua turma, como esperam pais e professores. Apesar de não apresentarem defeitos orgânicos perceptíveis, as dificuldades no processo de escolarização produzem nela um sentimento de inferioridade, muitas vezes mais intensificado do que aquelas que o apresentam visivelmente.

Um exemplo são as crianças surdas, cuja deficiência não é visível. Entretanto, seu senso de inferioridade pode ser intensificado e exacerbado, principalmente no aprendizado da primeira língua (L1), a Língua de Sinais, e a segunda língua (L2), a Língua Portuguesa. Geralmente, tal enfrentamento se dá por ocasião da descoberta da deficiência, principalmente quando a família é de ouvintes e que, muitas vezes, não compreende a necessidade da aprendizagem da L1 e tenta, por códigos gestuais, se comunicar com a criança. Quando esta chega à escola, principalmente em uma escola bilíngue para surdos, enfrenta diversas sobrecargas frente ao aprendizado da língua, acarretando sentimentos de inferioridade.

Dadas as concepções adlerianas sobre os sentimentos de inferioridade e o processo de compensação, observa-se que Adler (1912/1993), ao diferenciar seu modo de pensar sobre a inferioridade dos órgãos em relação aos demais autores, chega à conclusão de que o equilíbrio pela compensação é sempre assegurado, ou seja, o defeito, a inadaptação, a insuficiência, não são apenas um “menos”, uma negativa, mas também um estímulo para a compensação ou a supercompensação. Em suas palavras,

A única diferença que existe entre a minha maneira de ver e a de outros consiste em que eu considero assegurado o equilíbrio mediante a compensação. A partir do momento em que o indivíduo separa-se do corpo materno, os órgãos e aparelhos inferiores se vêm obrigados a entrar em luta com o mundo exterior; luta inevitável e mais violenta que deve sustentar os



órgãos normais. (...) os órgãos inferiores estão dotados de uma grande potência de compensação e supercompensação, que aumenta a capacidade de adaptação do indivíduo aos obstáculos comuns e extraordinários, e que favorece a criação de formas e de funções novas e superiores (Adler, 1912/1993, p. 56).

Cabe salientar, com base em Ansbacher e Ansbacher (1968), e especificamente no texto de 1933 de Adler sobre o sentimento de inferioridade, que se em seus primeiros escritos tem-se a impressão de que para ele “a força dinâmica do desejo de superioridade se origina nos sentimentos de inferioridade e representa o esforço para compensar tais sentimentos” (p. 53); neste último texto Adler dá a entender que o sentimento de inferioridade deve ser compreendido como secundário, pois é o desejo de superioridade que moverá esforços para compensar os sentimentos de inferioridade. Nas palavras dos autores,

Primeiro é amplamente descrito o indivíduo como finalisticamente orientado para uma meta de perfeição, segurança e consumação, como se lutando pela superação e pela superioridade. Somente em contraste com este fundamento o indivíduo experimenta uma “situação negativa” refletida no “sentimento de ‘incompletude’, de insegurança, de inferioridade” (Ansbacher & Ansbacher, 1968, p. 53).

Nas palavras de Adler (1933/1968a),

a meta de superação varia em milhares de maneiras e recebe uma estrutura permanente criada do material inato vivo e das influências do meio ambiente, entre as quais a educação consciente e inconsciente constitui a parte mais ampla. Uma vez completadas na primeira infância, a meta e a lei de movimento das partes – lei que depende da meta –, estas determinam a atitude e a posição que uma pessoa adota (p. 55).

Nesse sentido, segundo Adler (1933/1968a), o papel da Psicologia Individual, cuja lei de movimento está prescrita pelo bem-estar e perfeição da humanidade, é de observar “a distância que há entre o indivíduo e a solução correta, razoável e geralmente humana de um problema vital” (p. 55). Entretanto, segundo o autor, quando a experiência da criança aumenta a pressão, aumentando o sentimento de inferioridade, perturbando a oportunidade de alcançar um interesse social de longo alcance, o conhecimento estatístico da Psicologia Individual “pode somente ser usado para iluminar o campo em que o caso deve ser procurado, com todas as suas complicações” (p. 56).

O autor mostra que, quando se compreende e se trabalha com os sentimentos de inferioridade e o processo de compensação, pode-se obter resultados tanto positivos quanto negativos; positivos quando o indivíduo utiliza de seus sentimentos de inferioridade como motivo de produção, de intento para superar obstáculos para se manter. Nas palavras de Adler (1933/1968a),



Quanto maior é o interesse social exercitado e adquirido na infância, isto é, o grau de disposição para a cooperação, para juntar-se no amor e na comunhão, mais elevadas e mais valiosas as realizações que podem ser esperadas da disposição mental do sentimento de inferioridade (p. 56).

Quanto aos resultados negativos, Adler (1933/1968a) descreve que, para algumas pessoas, uma determinada situação é tão pesada e insuportável que seu grau de capacidade para cooperar e enfrentá-la não é suficiente. Para ele, “a vulnerabilidade frente aos distintos problemas da vida diferem em cada pessoa; alguns respondem de maneira incorreta, contrariamente ao interesse social” (p. 57). A este respeito, Adler (1933/1968a) acrescenta, ainda, que

A tensão psicológica que aqui se apodera do indivíduo conduz àquelas formas físicas e psicológicas de expressão que estão descritas como complexo de inferioridade (*Minderwertigkeitskomplex*, “Minko” na abreviação dos estudantes alemães). Nervosismo em público, gagueira, choro, lamentos, medo etc., são expressões ordinárias que se reconhecem facilmente e estão quase sempre unidas a alterações na condição física (p. 57).

Entretanto, mesmo apresentando tais características, não se perde a meta de superação, pois “todos esses fenômenos, em virtude da estrutura social de nossa vida, dão origem automaticamente a um sentimento de satisfação que normalmente não se tem conhecimento. (Adler, 1933/1968a, p. 57)

Quando pensamos especificamente nas crianças com deficiência, não se pode esquecer que, desde o princípio, estas devem contar com as condições que a sociedade lhes impõe, pois “nossa estrutura somática indica até que ponto o homem está relacionado com os demais. Nossos órgãos dos sentidos falam a linguagem da comunidade, sempre encontrando neles a lei superior segundo a qual vivem e se movem (Adler, 1930/1959, p. 52). Entretanto, diz Adler (1930/1959) que essa mesma sociedade que impõe condições às crianças fe pessoas com deficiência é a mesma sociedade que deverá contribuir para a formação de valores que recuperem a posição destas em seus espaços e grupos, além de resgatar o sentimento de importância e de uma vida útil. Isso posto, será a Psicologia Individual que poderá mostrar o caminho para se chegar ao conhecimento das relações que conduzem à vida comum, daí o interesse pelos estudos sobre as *crianças dificilmente educáveis*.

Para Adler (1930/1959), o termo *crianças dificilmente educáveis* é empregado para indicar aqueles que perseguem um fim que não está de acordo com as normas sociais. Há, pois, para a Psicologia Individual, um fim especial:

formar pela educação um concidadão ideal. Não estamos inclinados a crer que esta concidadania desenvolve-se completamente por si mesma, mas que temos que agir com força ativa, estimular esta obra, para que a criança desenvolva-se com esse fim. Camaradagem, amor, matrimônio, escola, ideias políticas etc., são situações que fomentam a preparação da criança para a parte útil da vida. Em sua atitude perante essas questões, conhecemos até que ponto está preparada. Nossa missão é



pesquisar. (...) Interessa-nos, aqui, o motivo de um grande número de crianças mostrarem uma preparação defeituosa perante muitos problemas (Adler, 1930/1959, p. 26).

Adler (1930/1959) complementa sua argumentação trazendo o exemplo do microscópio: “vemos as coisas como um microscópio e temos frequentemente a impressão de que se esta ou aquela criança depara-se com uma situação difícil, não poderá resistir e resolver a tarefa” (p. 27). Ou seja, ao pensar dessa forma, muitas vezes cremos que as *crianças dificilmente educáveis* não confiam suficientemente em suas forças para resolver suas tarefas, do que decorre que uma criança com problemas e comprometimentos mais profundos não se desenvolverá da mesma maneira que as demais.

O domínio das dificuldades sempre demonstrará a presença da compensação do sentimento de inferioridade (Adler, 1930/1959). Chegando, dessa forma, à conclusão, ao contrário de muitos teóricos de sua época, que o “desenvolvimento do homem, em virtude dos seus meios físicos inapropriados, está sob a influência da sociedade como meio de compensação mais importante” (Adler, 1930/1959, p. 35), e é, precisamente, por meio da educação que se despertará na criança o conhecimento de si e dos fatores que contribuirão para sua superação.

Caberia, pois, à Psicologia Individual e aos professores que atuam nessa perspectiva, compreender a conduta da criança frente a esse novo dever, principalmente ao sensibilizar “nossos olhos a todas as matizes do processo que se desenvolve” (Adler, 1930/1954, p. 74).

### Considerações finais

Em suma, pela pesquisa realizada, notou-se que, embora reconhecido mundialmente em vida, após sua morte (1937) a difusão das ideias adlerianas foram diminuindo significativamente, devido, primeiro, à limitação na tradução de seus trabalhos; segundo, as deturpações de sua teoria, filosofia e método terapêutico em alguns textos acadêmicos e, terceiro, a vulgarização de seus ensinamentos, realizada por muitos autores. Ou, como afirmam Ansbacher e Ansbacher (1968),

Naquela época [década de 1950/1960], o nome de Adler aparecia relativamente com pouca frequência na literatura sobre psicologia e psiquiatria, embora o pensamento que girava em torno da teoria da personalidade e da psicoterapia tivesse adotado a direção indicada por Adler, apesar da grande oposição e desprezo pelos círculos profissionais de seu tempo. Esse paradoxo é explicado, em grande parte, pela natureza fragmentada dos escritos de Adler, que provavelmente não satisfiziam ao leitor profissional (p. 9).

Entretanto, notou-se, também, que, ao propor a Psicologia Individual, Adler teve por objetivo mostrar que os processos psicológicos e suas manifestações deveriam ser entendidos a partir do contexto individual, assim como toda intervenção psicológica começava no



indivíduo. A psicoterapia da Psicologia Individual “obriga o médico a identificar-se com a vida psicológica do paciente com concretude e intensidade” (Furtmüller, 1968, p. 318), possibilitando a exploração tanto do material biográfico quanto autobiográfico.

No que se refere ao conceito de compensação, verificou-se que os estudos promovidos pela teoria adleriana, além de serem o ponto de partida para um novo conceito médico, permitiu à sociedade perceber que,

Quando do defeito, da deficiência, caberá a esta mesma sociedade e às pessoas que dela fazem parte contribuir para a formação de valores que recuperem a posição dessa pessoa com alguma deficiência em seus espaços e grupos, além do sentimento de importância e de uma vida útil (Leal, 2015, pp. 140-141).

Assim, a deficiência, que antes era considerada como menos valia, pôde ser vista não somente como debilidade, mas também como uma força positiva que coloca em ação outros processos que desenvolverão forças psíquicas para a superação, principalmente quando se pensa em processos de aprendizagem e desenvolvimento de pessoas com deficiência. Ou, como descreveu Claparède (1958), foi principalmente com os trabalhos de Alfred Adler, a partir de 1907, que a “noção de compensação passou a fazer parte das preocupações dos psicólogos da infância e dos educadores... Essa noção é, aliás, das mais fecundas” (p. 67).

Mais próximo dos dias de hoje, o termo compensação, pode-se dizer, ganhou uma nova roupagem, principalmente em áreas como a Neurologia e a Neuropsicologia: os novos processos “deixam de ser denominados de processo de compensação ou reorganização funcional para incorporarem a noção de neuroplasticidade, ou seja, a capacidade do cérebro de mudar e alterar sua estrutura e sua função” (Leal, 2015, p. 95). Encontra-se aqui, portanto, uma dupla perspectiva, do passado e do futuro, para os estudos sobre o desenvolvimento de uma pessoa agravado, por exemplo, por uma deficiência.

Contudo, chega-se ao fim deste artigo com a pretensão de empreender novos estudos sobre a teoria adleriana que versa sobre a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, bem como das produções adlerianas originais, para que se possa, com maior propriedade, resgatar uma teoria de pouco mais de 110 anos, relevante para a Historiografia da Psicologia e para a compreensão dos estudos da psicologia da educação frente à deficiência. Acredita-se, pois, que a compreensão da teoria adleriana pode contribuir para o entendimento do processo de desenvolvimento do indivíduo pela compensação de um órgão e/ou um sentido afetado, que pode também contribuir para uma fundamentação do que hoje se denomina de educação inclusiva.

## Referências

Adler, A. (1948). *Guiando al niño según los principios de la psicología del individuo* (R. J. Velzi, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1930).



- Adler, A. (1954). La psicología individual en la escuela. Em L. Luzuriaga (Org.). *Ideas Pedagógicas del Siglo XX* (pp. 69-79). Buenos Aires: Nova. (Original publicado em 1930).
- Adler, A. (1956). *La compensation psychique de l'état d'infirmité des organes suivi de le problème de l'homosexualité* (H. Schaffer, Trad.). Paris: Payot. (Original publicado em 1917).
- Adler, A. (1959). *La psicología individual y la escuela* (J. Salas, Trad.). Buenos Aires: Losada. (Original publicado em 1930).
- Adler, A. (1967). *A ciência da natureza humana* (G. Rangel & A. Teixeira, Trad.s). São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1927).
- Adler, A. (1968a). Ventajas e desventajas del sentimiento de inferioridad. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 53-59). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s; M. M. Peñaloza, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1933).
- Adler, A. (1968b). Tipología del enfrentamiento a los problemas de la vida. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 66-69). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s; M. M. Peñaloza, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1935).
- Adler, A. (1968c). El progreso de la humanidad. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 31-35). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s; M. M. Peñaloza, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1937).
- Adler, A. (1968d). Breves comentarios sobre razón, inteligencia y debilidad mental. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 46-52). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s; M. M. Peñaloza, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1928).
- Adler, A. (1993). *El carácter neurótico* (A. V. Ritter-Zahóny & P. F. Valdés, Trad.s). Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós. (Original publicado em 1912).
- Adler, A. (2012). *Study of organ inferiority and its psychological compensation: a contribution to clinical medicine* (S. E. Jelliffe, Trad.). Charleston, Estados Unidos da América: Nabu Press. (Original publicado em 1917).
- Alfred Adler Institutes. (s.d.). *Biographical sketch of Alfred Adler*. Bellingham, Estados Unidos da América: Alfred Adler Institutes of San Francisco & Northwestern Washington. Recuperado em 30 de setembro, 2014, de [www.adlerian.us/adler.htm](http://www.adlerian.us/adler.htm).
- Ansbacher, H. L. & Ansbacher, R. R. (1968). Prólogo. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 9-12). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s). México: Fondo de Cultura Económica.
- Claparède, E. (1958). *A educação funcional* (5a ed.). (J. B. D. Penna, Trad.) São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1931).



- Collette, A. (1963). *Introdução à psicologia dinâmica: das teorias psicanalíticas à psicologia moderna* (L. L. Oliveira & J. B. D. Penna, Trad.s). São Paulo: Editora Nacional. (Original publicado em 195[ç]).
- Friedrich, S. M. (2009). *Alfred Adler (1870 – 1937)*. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Psicanálise. Recuperado em 30 de setembro, 2014, de [www.febrapsi.org.br/biografias/alfred-adler/](http://www.febrapsi.org.br/biografias/alfred-adler/).
- Furtmüller, C. (1968). Alfred Adler: un ensayo biográfico de Carl Furtmüller. Em A. Adler. *Superioridad e interes social: una colección de sus últimos escritos* (pp. 269-341). (H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher, Org.s; M. M. Peñaloza, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica.
- Leal, D. (2015). *Compensação e cegueira: um estudo historiográfico*. Jundiaí, SP: Paco.
- Leal, D. (2013). *Compensação e cegueira: um estudo historiográfico*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Ramos, A. (1939). *A criança problema: a hygiene mental na escola primaria* (Coleção Actualidades pedagógicas, Vol. 37). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Stein, H. T. & Edwards, M. E. (1998). *Classical adlerian theory and practice*. Bellingham, Estados Unidos da América: Alfred Adler Institutes of San Francisco & Northwestern Washington. Recuperado em 01 de outubro, 2014, de [www.adlerian.us/theoprac.htm](http://www.adlerian.us/theoprac.htm).
- Vries, S. (1951). *Some basic principles of individual psychology*. Bellingham, Estados Unidos da América: Alfred Adler Institutes of San Francisco & Northwestern Washington. Recuperado em 01 de outubro, 2014, de [www.adlerian.us/basic.htm](http://www.adlerian.us/basic.htm).

### Nota sobre as autoras

*Daniela Leal* é mestre e doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É docente na Faculdade Paulista de Artes no Curso de Formação de Professores e pesquisadora no Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPSI) da PUC-SP. E-mail: [dannylegal@gmail.com](mailto:dannylegal@gmail.com)

*Mitsuko Aparecida Makino Antunes* é mestre em Filosofia da Educação e doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É pesquisadora e docente titular do Programa de Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: [miantunes@pucsp.br](mailto:miantunes@pucsp.br)

Data de recebimento: 18/12/2014

Data de aceite: 26/10/2015